

ESCOLHA PROFISSIONAL: A QUESTÃO DO SER É ESTAR NA FAMÍLIA...

Sônia Maria Morro Rossi*

ROSSI, S. M. M. Escolha profissional: a questão do ser é estar na família... *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 3(2): 179-185, 1999.

RESUMO: O objetivo deste artigo é efetuar reflexões na busca de respostas para intrigantes questões do universo da escolha profissional dos indivíduos sob os determinismos do grupo familiar. A perspectiva é que a análise e discussão empreendida possa estar contribuindo para a construção de novos caminhos quanto às práticas em orientação vocacional, ressaltando a significativa influência da família no processo de desenvolvimento da identidade vocacional e ocupacional. A preocupação central durante o desenvolvimento do trabalho é colocar em destaque a possibilidade da escolha da carreira se dar de maneira autônoma, com vista à auto-realização, à saúde mental e ao prazer do ser humano integral.

PALAVRAS-CHAVE: escolha profissional; família; orientação vocacional.

PROFESSIONAL CHOICE: THE QUESTION OF BEING IS IN THE FAMILY...

ROSSI, S. M. M. Professional choice: the question of being is in the family... *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, 3(2): 175-185, 1999.

ABSTRACT: The purpose of this article is to make some reflexions in the search of answers for intriguing questions concerning the professional choice under the determinisms of the familiar group. The perspective is that the analysis and discussion made can be contributing to the construction of new pathways of vocational orientation, highlighting the significant influence of the family on the development of the vocational and occupational identity of the individual. The central concern during the development of this work is the possibility of choosing the career in an autonomous manner, aiming at self-satisfaction, mental health and pleasure of the complete human being.

KEY WORDS: family; professional choice; vocational orientation.

Introdução

Falar em escolha da profissão, trabalho, sucesso profissional, sempre é algo que chama à atenção, principalmente no contexto atual e é interessante poder compartilhar algumas reflexões no sentido de divulgar a área de orientação vocacional, bem como, fornecer subsídios teóricos para ampliar a compreensão do ser humano em diferentes dimensões.

O presente trabalho será desenvolvido, procurando-se evitar conclusões finalistas com a perspectiva de não limitar o espaço de reflexão sobre a questão da subjetividade humana no processo de escolha da profissão, para que as informações discutidas possam transformar-se em fonte de questionamento para aqueles que se interessam pelo tema.

Nosso objetivo é propor reflexões sobre a

relação entre a influência da família e a escolha da carreira profissional. As respostas não são fáceis, porém está posto o desafio.

Sociedade capitalista e orientação vocacional : utopia ou realidade ?

Constata-se ao estudar a problemática da escolha, que existem diversas teorias sobre o tema, com perspectivas parciais sobre a questão, ora privilegiando determinismos psicológicos, ora sociais, ora econômicos. Pouco se fala ainda em abordagem interdisciplinar, que integra pelo menos duas ordens de determinações: psicológicas e sociais.

Vivemos em um sistema capitalista e segundo SILVA (1990), não se pode negar as análises que sugerem que os determinismos sócio-econômicos interiorizados sob a forma de *habitus* de classe e vicissitudes do desejo relativos à escolha profissional são vivenciados pelos sujeitos como conflito psíquico

* Docente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Mestranda em Psicologia Social e do Trabalho. Endereço para correspondência: Sônia Maria Moro Rossi. Departamento de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790. Zona 07. Maringá - PR. 87020-900. E-mail: mrporco@wnet.com.br

e que estes têm soluções diferentes, segundo o estrato sócio-econômico considerado.

Significa dizer que os indivíduos de “classes menos favorecidas” encontram realmente dificuldades, obstáculos mais expressivos quanto à realização da aspiração profissional que os de “classe alta”, sendo que a gratificação obtida através da futura profissão ocorre de maneira desigual entre as classes sociais.

Tal informação leva à seguinte reflexão: os processos subjetivos vividos pelos indivíduos quanto à escolha profissional são diferenciados, segundo a classe social pertencente? O indivíduo “menos favorecido” não vive impasses sobre seu futuro profissional?

Talvez a questão não seja exatamente essa. Não é que este não viva impasses quanto ao futuro profissional, mas que, o que lhe falta é direito/possibilidade de escolha frente aos determinismos econômicos, que interferem objetivamente sobre as “opções” profissionais dos “menos favorecidos”, e que acaba por trilhar um caminho limitado, restando-lhe na maioria das vezes, como alternativa realizar em uma escolha profissional ajustada.

Ao que se denomina, segundo BOHOSLAVSKY (1977) como aquela escolha em que o indivíduo por razões diversas faz um ajustamento das suas aptidões e habilidades com aquilo que ele pode fazer no mercado de trabalho, segundo sua condição de vida.

Por exemplo, o indivíduo que precisa trabalhar de dia, tem como “opção” os cursos noturnos. O indivíduo que sempre estudou em colégios estaduais, em cursos noturnos, que acaba por concluir o segundo grau com uma formação deficitária, vai prestar vestibular em cursos menos concorridos e assim segue o processo de ajustamento social.

Nesse sentido, parece claro que para se enveredar na discussão desse tema, tem-se que focar a mediação indivíduo-sociedade, sob os determinismos econômicos do sistema capitalista, o grande gerador de ilusões.

Esta afirmativa, pode ser melhor compreendida quando se assinala que sempre existiu uma complementariedade e uma contradição entre capitalismo e democracia. Sendo o primeiro considerado como aquele onde, há, segundo Locke, “liberdade de empreender” (DAVEL & VASCONCELOS, 1995).

Mas de que liberdade estaríamos falando? Será que em meio a tantos condicionantes, podemos dizer que somos livres para escolher alguma coisa?

Identidade vocacional e subjetividade

A análise da subjetividade do indivíduo no desenvolvimento da identidade ocupacional segundo a abordagem clínica, possibilita compreender que o indivíduo que escolhe é um ser dotado de desejo e necessidades que anseia ver materializado no futuro (BOHOSLAVSKY, 1977).

Segundo Wender *apud* BOHOSLAVSKY (1977) as escolhas profissionais “expressam respostas do ego diante dos “chamados” interiores, “chamados de objetos internos prejudicados, que pedem, reclamam, exigem, impõem, sugerem ser reparados pelo ego”. Desta forma, a carreira seria para o indivíduo um depósito externo de objetos internos a ser reparado. Isto é, uma resposta do ego a um objeto interior danificado através das relações do indivíduo com o mundo externo.

Assim, a psicodinâmica do processo de escolha se explica a partir da elaboração de conflitos e lutos por objetos de identificações deixados para trás pelo sujeito, ao conseguir identificar-se com seus próprios gostos, interesses, identificando claramente o mundo exterior.

E o trabalho, psicanaliticamente falando, é manifestação do instinto de vida e pode ser analisado, psicologicamente, como um comportamento. Portanto, quem escolhe não está escolhendo somente uma carreira, em tal sentido está escolhendo “com que” trabalhar, “para que” fazê-lo; está pensando num sentido para sua vida, está escolhendo um “como”, delimitando um “por quê”, “um quem” e um “quando e onde”, sempre uma resultante da interação do mundo interno e externo.

Pode-se dizer que quando o indivíduo se depara com o mundo do trabalho, este lhe surge como campo de possibilidades, e é normalmente na adolescência que o indivíduo que escolhe vive um momento de ruptura socialmente determinado, que lhe exige em seguida um posicionamento e decisão quanto à sua profissão/carreira no futuro.

Considera-se importante estar atento a esse momento porque muitos pensam no processo de escolha profissional de maneira bastante equivocada, evidenciando apenas alguns dos aspectos desse futuro, que na maioria das vezes, é a questão quantitativa.

Pensam logo em uma profissão onde se ganha muito dinheiro, tenha *status*, sucesso, etc., focando excessivamente a questão do “ter”, negligenciando na maioria dos casos a questão do “ser”. Como se não houvesse relação entre escolha da carreira e

necessidade de auto-realização no trabalho, ou que essa relação não seja tão relevante.

Desta forma torna-se interessante e recomendável que se adote uma perspectiva psicossocial para se analisar e compreender o processo de escolha, dado que a escolha, ainda que se caracterize como um processo individual, decorre do interjogo entre determinantes estruturais e motivações subjetivas do indivíduo.

A escolha tem caráter sobredeterminado e multideterminado e é entendida como resultante da relação da estrutura do aparelho psíquico *versus* estrutura social, que se expressa através da dialética dos desejos, identificações e demandas sociais, e que a família, a escola, e os meios de comunicação de massa, sem sombra de dúvida, têm grande influência.

Os antecedentes históricos indicam que a preocupação com a questão da escolha profissional não é nova. Segundo SILVA (1990), os primeiros estudos datam do final da Idade Média, mas percebe-se que esta é uma área que ainda não recebe a atenção merecida.

Já em 1498 na obra de Rodrigo Sanches Arévalo, encontra-se a afirmação de que o exercício da profissão obedece a um impulso e supõe uma escolha (Chabassus *apud* SILVA, 1990). Mas somente no final do século XIX através dos trabalhos de Galton, Catell e Binet e também com o desenvolvimento da Psicologia, particularmente, o movimento de medidas mentais é que se tem o aparato técnico e conceitual que permitem à orientação vocacional configurar-se como disciplina científica (SILVA, 1990).

A evolução da área de Orientação Vocacional é marcada por grande número de pesquisas que muito contribuíram para o que se faz atualmente, mas como transcende os limites deste artigo a realização de um estudo exaustivo de todas as teorias que versam sobre a escolha profissional, vale apenas ressaltar que os primeiros estudos sobre este tema tinham uma fundamentação biológica no que se refere à vocação.

Consideravam que os vários “engenhos” eram herdados e os pais estavam encarregados de detectar qual era a “natureza” de seus filhos e em função disto contribuir para sua formação e prever desajustamentos sociais (BOHOSLAVSKY, 1977).

O progresso científico introduziu muitas mudanças nas teorias vocacionais e hoje ninguém duvidaria que, se existe algo chamado “vocação”,

não seria em absoluto, algo inato, mas certamente adquirido, resultante da aprendizagem durante o desenvolvimento do indivíduo.

Pode-se dizer que o avanço tecnológico exige os pais de estimar quais são os “engenhos” dos filhos, deixando ao indivíduo que escolhe a responsabilidade por tal decisão.

Nesse contexto, ressalta-se a necessidade do processo de Orientação Vocacional, como uma prática de grande relevância que pode contribuir para prevenção de problemas futuros, quanto à frustração na carreira, uma vez que permite ao indivíduo que escolhe, auto-conhecer-se, efetuar reflexões sobre os determinantes de sua escolha, compreendendo toda a rede de influências, enfim, a possibilidade de “aprender a escolher” com base nos seus interesses e aptidões.

O indivíduo, quando procura orientação vocacional, de forma implícita ou explícita esta buscando, não apenas o nome de uma “profissão”, mas algo que o faça “feliz”, que lhe possibilite realização pessoal.

Está buscando auxílio e orientação para vincular-se ao futuro, está expressando relações diretas e indiretas emergentes de um contexto social mais amplo. Por isso, considera-se que esse tipo de trabalho deveria ter uma maior abrangência para o ser humano, enquanto sujeito de comportamentos, não mais tão preocupado com o que os faz diferentes (interesses, aptidões, habilidades), mas sim com sua capacidade de decisão, sua possibilidade de escolha, sua felicidade e liberdade. Isto porque entende-se que a escolha do futuro é algo que pertence ao indivíduo e que não deve ser-lhe expropriado.

No que se refere ao contexto social que interfere no processo de escolha, pode-se falar de ordens e esferas institucionais, dentre as quais interessam de maneira mais direta as relações da pessoa que escolhe com duas delas: a ordem institucional da produção, já enfocada anteriormente, e a ordem institucional familiar que será enfocada a seguir.

Instituição familiar *versus* indivíduo que escolhe

Pode-se dizer, que quanto à instituição familiar, a pessoa mantém vínculos de especial importância, pois o indivíduo que escolhe encontra-se num momento particular de sua vida, em que pretende “dessatelize-se” o que não é um processo tão simples (Ausubel *apud* BOHOSLAVSKY, 1977).

Na maioria dos casos, quem escolhe é um

adolescente e que por sê-lo, está em idade de grandes mudanças. Estas são contínuas, tão amplas, tão características, que se chega a surpreender o fato de que, em meio a uma crise tão intensa, o adolescente consiga realizar tarefa tão importante como a de definir sua identidade ocupacional.

Esse processo para ser menos conflitivo depende do indivíduo encontrar maneiras de superar as dificuldades quanto às áreas e níveis de adaptação. Uma das áreas em que esse ajustamento se realizará refere-se ao estudo e ao trabalho. Sendo que a aquisição da identidade ocupacional é apenas um dos aspectos de sua personalidade total.

Segundo NOBEL (1995), é fato que o ser humano vem ao mundo com certa imaturidade e que depende de seus progenitores para a sobrevivência. O indivíduo durante seu desenvolvimento vai “amadurecendo” de forma integrada e permanente e mobiliza adaptações de acordo com as possibilidades biológicas e sociais.

A família sempre teve um importante papel por sua função socializadora. Um bebê recém-nascido é integrado rapidamente no grupo social de referência ao qual pertence a sua família.

Pode-se ir mais além e dizer que, mesmo antes de nascer, o bebê já tem seu lugar social e um lugar na vida psíquica dos familiares. O mundo lhe é apresentado pela família e outras figuras significativas. É sobre esta primeira formação que se adicionará, no futuro, a opção profissional (BOCK, 1995).

O problema se apresenta então, quando no âmbito familiar o indivíduo vive incompreensão, sentimento de desamparo, pressões, enfim uma realidade que não oferece continência para o seu desenvolvimento pessoal e conseqüentemente profissional, bem como, bloqueia a capacidade de superar as dificuldades que se interpõem em seu caminho.

É sabido que muitos dos conflitos que surgem no momento da escolha da profissão têm origem na falta de compreensão ou atitude familiar diante das inquietações do adolescente.

A experiência na área mostra que, para muitos pais, os filhos são “propriedade privada”, e só esperam deles a satisfação direta e plena de seus próprios desejos e aspirações.

Esperam um comportamento de aceitação “lógica” e passiva por parte do adolescente frente ao projeto familiar e surpreendem-se quando há resistência, não aceitação, indecisões e postergações.

Muitas famílias não conseguem visualizar que cada ser humano deve ser dono de seu destino e parecem não compreender que a maior realização dos pais, da família de forma geral é ser um espaço, um continente do imaturo, do infantil, com possibilidade de remoção das ansiedades persecutórias do indivíduo que lhe permita crescer, a partir da afetividade e liberdade. Como um marco adequado para o desenvolvimento de sua verdadeira personalidade.

Parece que muitas famílias recusam-se a entender que uma infância e adolescência feliz, onde o indivíduo sente-se apoiado, respeitado e compreendido no espaço familiar, fará com que se tenha, num futuro próximo a sociedade composta por jovens, e adultos mais maduros e felizes, com possibilidade de realização pessoal, liberdade e capacidade de escolha.

A chance de êxito na determinação de uma carreira está muito relacionada com a capacidade da família em facilitar ao jovem uma compreensão clara sobre o mundo ocupacional, como indivíduo independente que, ao definir sua identidade ocupacional, decide, mesmo sem sabê-lo, o papel que exercerá no meio social.

Importante assinalar que ao escolher uma carreira, o indivíduo está escolhendo uma maneira de ser, um modo de vida que não pode ser pautado em frustração e sofrimento a partir de uma escolha equivocada, no qual o trabalho, elemento de intercâmbio material entre o indivíduo e a natureza, perde o significado e transforma-se em fonte de punição e sofrimento, interferindo na saúde mental e na qualidade de vida do profissional (DEJOURS, 1992).

Normalmente percebe-se três posições que habitualmente são adotadas pela família frente à escolha profissional do adolescente, as quais têm significativos reflexos em suas decisões. É importante salientar, citando BOCK (1995), que o próprio processo da escolha pode configurar-se como um sintoma produzido no grupo familiar, expresso em dúvidas e certezas do membro que está diante da escolha, isto porque a escolha se monta, muitas vezes, como um artifício imaginário para a “solução” de conflitos, que em sua origem nada tem a ver com a profissão, que jamais serão solucionados realmente por uma escolha de carreira, necessitando de outro tipo de intervenção. Mas para que isto ocorra, o profissional precisa auxiliar o indivíduo a separar o que é problema vocacional de outros em geral.

A primeira posição do grupo familiar já foi comentada anteriormente, é a de pressionar para que o indivíduo siga o seu projeto familiar, cumprindo seus desejos, mitos e ritos.

A segunda é de indiferença quanto ao futuro profissional do indivíduo, gerando uma situação de abandono e carência de informações, que pode resultar em uma escolha com base em identificações distorcidas, por falta de um espaço de discussão. Isto normalmente ocorre por ignorância da família quanto à sua função ou então medo de interferir e pressionar. O medo de influenciar leva ao abandono, como se a influência de alguma forma pudesse deixar de existir.

A terceira que seria a posição mais indicada segundo NOBEL (1995), está embasada em três instrumentos: afeto, orientação e apoio.

O desenvolvimento desta função pela família, começa obrigatoriamente com o reconhecimento de que o filho é antes de mais nada uma pessoa com características particulares, independente, com necessidades próprias, inquietudes e desejos e que à família cabe a responsabilidade de dar-lhe amor, afeto e liberdade.

O que lhe possibilitará a confiança e segurança necessária ao seu desenvolvimento, bem como, sua própria estruturação e integração da identidade ocupacional, definindo o que quer fazer, como quer fazer, onde, à maneira de quem, porquê e para que, que é resultado de um processo interno e pessoal.

O indivíduo que tem a família como um continente afetivo, com limites e liberdade que lhe permite crescer, é uma pessoa que se torna capaz de canalizar adequadamente suas capacidades e aptidões para o que deseja ser com perspectivas de realização no plano pessoal e social.

Considerações Finais

Não se pode negar que o grupo familiar constitua o grupo de participação e de referência fundamental para o ser humano, e é exatamente por isso que seu papel e valores são base significativa para orientação do indivíduo que escolhe uma futura profissão, quer a família atue como uma referência positiva, quer opere como uma referência negativa.

Isto significa que a influência desse grupo dar-se-a segundo a interiorização da percepção pelo indivíduo que escolhe da sua participação e/ou referência e o modo como as múltiplas vinculações incidem sobre o seu ego e não tanto pela compreensão que a família tem de suas relações.

Basta analisar o fato de que numa família de psicólogos, se o indivíduo que escolhe quiser estudar psicologia, pode implicar na existência de vínculos os mais diversos com o grupo familiar, principalmente o interiorizado, tais como: submissão, rivalidade, cooperação, vínculos que precisam ser investigados para que se possa clarificar as identificações que estariam determinando sua escolha.

O adolescente pode revelar ao fazer sua escolha, uma tentativa reparadora de seu grupo familiar interno, podendo ser uma escolha que o defende de um conflito, ao invés de ser uma escolha autônoma. Ele pode eliminar uma profissão de seu rol de opções devido a uma identidade negativa com o grupo familiar.

Os caminhos da escolha são cheios de armadilhas, que vão desde a interiorização de vínculos subjetivos com o grupo familiar a, visões românticas sobre as profissões, ilusões sobre o mercado de trabalho, frustrações dos pais, avaliações distorcidas sobre as profissões e cursos universitários, desconhecimento sobre as tendências e perspectivas do mercado de trabalho, limitação econômica e outras, mas cabe ao indivíduo fazer suas escolhas da maneira mais autônoma e responsável possível.

Sem sombra de dúvidas entender todo esse processo, que a princípio parece automático e tranquilo para o ser humano quando, chega o período do vestibular, remete à reflexão sobre o papel da família na sociedade e mais especificamente no processo de escolha profissional dos indivíduos, porque, parafraseando BERENSTEIN (1988), os pais determinam o filho, assim como, estes a eles e para que se possa ter uma compreensão deste sistema deve-se primeiramente dar conta das particularidades do sistema familiar, âmbito no qual se inserem as condutas individuais.

É necessário compreender que o ser humano é um todo. E que o processo de escolha profissional possui um caráter multi e sobredeterminado e muito há que se investir na construção de práticas que permitam o desvencilhar de todos os fatores mutuamente influentes nesse momento, com o objetivo de se auxiliar o indivíduo a identificar-se com ele, suas aptidões e habilidades e a partir daí descobrir no mercado de trabalho que área de conhecimentos pode aplicar seu potencial.

Para tanto, o orientador vocacional precisa estar capacitado entender a dinâmica deste sistema de mútua influência, bem como, atentar para a

estrutura inconsciente do grupo familiar, pois somente assim terá condições de delimitar os níveis de interação e homeostase, indo além dos modelos conscientes, que são idéias que os integrantes possuem em relação à estrutura e que são encobridoras de uma realidade subjacente ou falsa.

O que impõe ao orientador observar tanto para os aspectos afetivos subjacentes ao momento de uma escolha profissional, quanto a participação da família no Processo de Orientação Vocacional de um jovem, que funciona como um recurso que facilita identificar e administrar, justamente com o orientando, o conjunto de representações com os quais opera (BOCK, 1995).

Atuando desta forma, o orientador não estará restringindo o objetivo do trabalho de orientação à identificação de carreiras pertinentes ao estudante, mas sim, no auxílio para a transposição dos impedimentos psíquicos e elaboração das motivações conscientes relacionadas ao processo de integração de sua identidade ocupacional.

Recomenda-se a participação dos pais para a realização do processo de orientação, normalmente na entrevista inicial e/ou final. Porque deste modo tenha-se uma avaliação completa sobre a psicodinâmica do grupo familiar no qual o estudante está inserido e, também um levantamento sobre as fantasias de todos, relativas à sua escolha profissional. A orientação é importante justamente na medida em que pode auxiliar o orientando a conhecer e considerar os processos envolvidos neste imaginário familiar (BOCK, 1995).

O orientador precisa conhecer o universo comum de significados compartilhados pelo grupo familiar, não conscienciável, mas produtor de significações para a organização familiar (BERENSTEIN, 1988).

Nessa perspectiva, percebe-se que a adoção da abordagem clínica, de BOHOSLAVSKY (1977), para o trabalho em orientação vocacional torna-se pertinente, por tratar-se de uma abordagem compreensiva e totalizante dos problemas da escolha do futuro profissional, a partir de uma atuação não-diretiva do psicólogo, a fim de permitir ao adolescente o acesso e/ou desenvolvimento de sua auto-identidade, em termos de papéis sociais adultos e ingresso no sistema produtivo.

A prática de intervenção empreendida pelo orientador tem como objetivo ajudar o indivíduo a pensar, autoconhecer-se para poder alcançar plena consciência de que pensar é, necessariamente,

aprender a reconhecer o compromisso e responsabilidade que existe em toda situação vital, na perspectiva de chegar a uma solução autônoma e aprender a escolher.

Uma atuação comprometida com a liberdade humana e a psicoprofilaxia, apoiada em conhecimentos e técnicas científicas, reconhecendo que o comportamento humano é funcional, implica em ambivalência e conflito inerente à vida humana, mas não necessariamente como patologia.

É necessário compreender e não negligenciar a importância da família como grupo organizado, auto-regulador, com regras de funcionamento, linguagem e mitos e que tem uma influência significativa não só sobre a escolha da profissão do indivíduo, mas na sua determinação no mundo.

Muitos questionamentos têm surgido sobre as condições e o papel da família na sociedade atual. Sendo esta, muitas vezes considerada como uma instituição falida, o que é preocupante e exige o repensar por parte dos profissionais das ciências humanas.

Vale ressaltar a particular discordância da autora deste artigo da afirmativa acima, citando ARIÈS (1986) quando diz que a família não faliu, quem faliu foi a cidade, a sociedade e a civilização. Os pais e mães foram afastados de suas funções por questões econômicas o que resultou num processo de desestruturação e acomodação familiar, hoje colhe-se os prejuízos.

Extraiu-se a função educativa e formativa da família e agora presencia-se esta ser cobrada. A família ficou e está ficando isolada, sem solidariedade e com sérios problemas para dar respostas às questões sociais. Esse processo foi tão intensificado que observa-se hoje uma ausência de sentimento de "pertença" entre os membros da família.

Todo processo de construção social gerou a falência da família, que foi expropriada de seu espaço, papel e afetividade, que agora está sendo culpada pela falência do ser humano na sociedade.

Mas o que se constata a partir dos estudos e reflexões que geraram este artigo é que apesar de todos os ataques sofridos, a família continua existindo, mantendo o seu continente, que segundo SOIFER (1988) é a preservação da vida.

Se tudo durante o desenvolvimento do ser humano passa pela família para chegar ao mundo externo, a questão da escolha profissional não poderia ser diferente e merece atenção especial, devido a sua magnitude e repercussão para a vida do indivíduo.

Apesar e a partir de todas as questões aqui levantadas, é possível acreditar que a família tenha condições de assumir sua função quanto à orientação, apoio, liberdade e afeto para o indivíduo que escolhe, restando aos profissionais da área a função de contribuir por meio de pesquisas e informações com o repensar de uma teoria crítica sobre a família e a questão da escolha profissional, objetivando dar respostas a questões vividas, tais como: afeto, desejo, aptidões, identidade ocupacional, processo de hominização e humanização, repensando nossas práticas no sentido de promover a transformação da sociedade e a realização do ser humano.

Um dos aspectos fundamentais deste trabalho, envolve a preocupação com a melhoria da formação básica dos futuros profissionais, que muitas vezes por carência de formação realizam práticas e intervenções higienizantes e reprodutoras, não contribuindo para o desenvolvimento do ser humano como um ser integral.

De maneira geral, é fato inconteste que a área de Orientação vocacional ainda não recebeu a atenção devida das diversas esferas da sociedade e que a questão da escolha não tem sido considerada em sua relevância para o sucesso e realização profissional do ser humano.

Para encerrar este trabalho, na perspectiva de que nada está posto de forma definitiva e que o repensar é obrigatório para que se possa evoluir, encontra-se a seguir registrada a letra de uma música, que na opinião da autora traduz um pouco do que foi focado nesse artigo no que se refere à escolha profissional: a questão do Ser é estar na Família...

SERÁ

“Tire suas mãos de mim
Eu não pertenço a você
Não é me dominando assim
Que você vai me entender
Eu posso estar sozinho
Mas eu sei muito bem aonde vou
Você pode até duvidar

É só que isso não é amor
Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?
Nos perderemos entre monstros
Da nossa própria criação
Serão noites inteiras
Talvez por medo da escuridão
Ficaremos acordados
Imaginando alguma solução
P’ra que esse nosso egoísmo
Não destrua nosso coração
Brigar p’ra quê
Se é sem querer
Quem é que vai
Nos proteger?
Será que vamos ter
Que responder
Pelos erros a mais
Eu e você?

(Dado Villa-Lobos/Renato Russo/Renato Bonfá)

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- BERENSTEIN, I. *Família e Doença Mental*. São Paulo: Escuta, 1988.
- BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. Aspectos Psicossociais. Por uma prática promotora de saúde em Orientação Vocacional. In: AUTOR. *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- DAVEL E.; VASCONCELOS, J. *“Recursos” Humanos e Subjetividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Oboré/Cortez, 1992.
- NOBEL, M. *Orientação Familiar*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- SILVA, L. B. C. Contribuições para uma teoria psicossocial da escolha da profissão. In: AUTOR. *A Escolha Profissional em Questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- SOIFER, R. *Psicodinamismo da família com crianças, Terapia Familiar com técnica de jogo*. São Paulo: Vozes, 1988.

Recebido em: 10/06/99

Aceito em: 30/08/99